

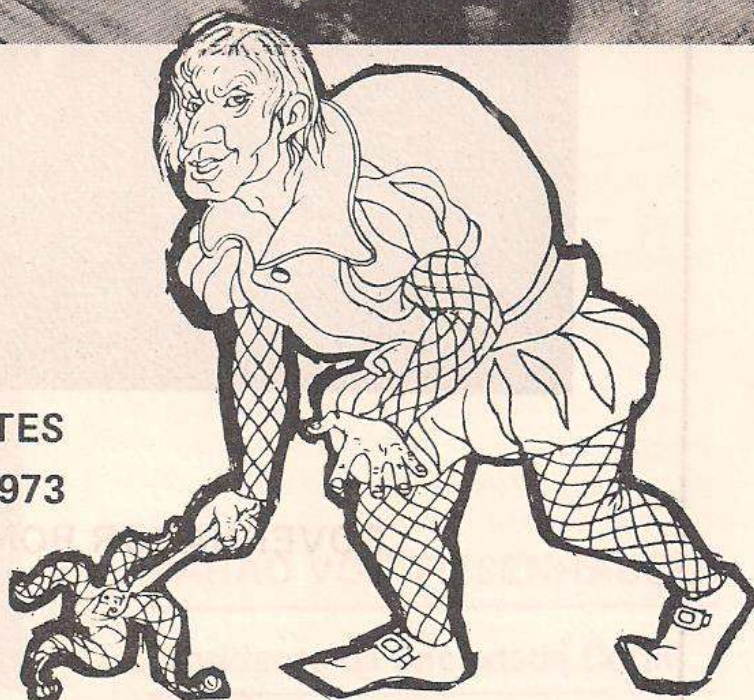
SOCIEDADE CORAL DE BELO HORIZONTE

TEMPORADA LÍRICA OFICIAL DE 1973



IL RIGOLETTO
de Giuseppe Verdi

PALÁCIO DAS ARTES
28 e 30 DE DEZEMBRO DE 1973





GOVERNADOR RONDON PACHECO

**PREFEITO
OSWALDO PIERUCETTI**



BARÃO VON TIESENHAUSEN
Presidente da Sociedade Coral



IL RIGOLETTO

Libreto

PRIMEIRO ATO – Baile no palácio do Duque de Mantua. O duque, jovem e rico que se entrega aos prazeres e às alegrias da vida, fala aos cortejãos a respeito de uma linda moça de quem se aproximou na igreja, mas aquela aventura não o impede de cortejar a Condessa de Ceprano na presença do seu próprio marido. Canta então a sua primeira ária: "Questa o quella". Entra Rigoletto, o bufão, sempre pronto a apoiá-lo em suas aventuras amorosas e diz ser necessário a morte do importuno Ceprano. Este, que tudo ouvia, jura vingar-se, pois sabe que também Rigoletto está enamorado de alguém a quem visita todas as noites. Súbitamente a festa é interrompida pelo velho e nobre Monterone que deseja do duque explicações a respeito da sedução de sua filha. Rigoletto zomba de Monterone que, exasperado, maldiz o bufão e o seu senhor. Termina a festa em meio a geral confusão.

SEGUNDO ATO – Em um lugar solitário da cidade, numa casa modesta, Rigoletto esconde dos olhares conquistadores dos nobres o seu único tesouro – sua filha Gilda. Ao abrir-se o pano Rigoletto, que se aproxima de casa, relembra as palavras de Monterone quando Sparafucile, um assassino profissional, a ele se chega para oferecer seus serviços. Soubes que ali mora a amante do bufão e, caso precise ele livrar-se de algum rival, sua espada está às ordens. Rigoletto repele-o. Sparafucile parte. Sozinho, o bufão se compara ao assassino – "Pari siamo". Somos iguais. Minha língua ferina é capaz de matar... Ele mata com um punhal. Rigoletto entra em casa. Ali está Gilda. Conversam a respeito da vida do bufão que se diz sem pátria, sem parentes, sem amigos. O seu mundo é Gilda. Batem à porta e Rigoletto atende. Não vê ninguém. Procura em vão quem ali estivera, mas o duque, sorrateiramente, já havia entrado na casa do seu bufão sem que ninguém o perce-

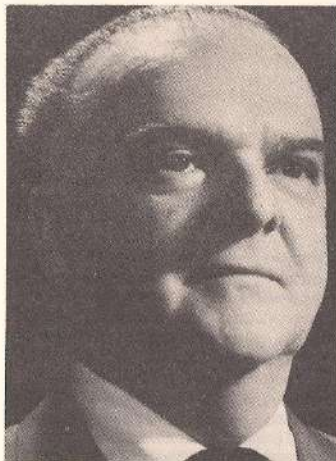
besse. Volta Rigoletto, despede-se da filha e recomenda a Giovanna, a camareira, que não abandone Gilda um só momento. – "O' veglia o donna questo fior". Rigoletto parte e o duque que se havia escondido, apresenta-se a Gilda, que reconhece o jovem que vira na igreja. "Meu nome é Gualtier Malde, sou estudante pobre," diz ele. Ouvem-se passos na rua. Os namorados se despedem e o duque é levado por Giovanna, a quem comprara com uma bolsa de dinheiro, por uma porta secreta que leva à rua. Gilda, só murmura o doce nome de seu amado – "Caro nome del mio cor". Ceprano e Borsa, de fora, observam-na e preparam um plano para raptá-la. Rigoletto volta à casa, preocupado, para mais uma vez ver sua filha, e depara com Marullo e Borsa que dizem estar ali para raptar a condessa de Ceprano, sendo necessário o auxílio de Rigoletto para que eles possam penetrar nos jardins do palácio de Ceprano, que termina naquela rua. Todos devem mascarar-se para não serem reconhecidos. Rigoletto concorda e seus olhos são vendados. Deste momento não sabe que colabora no rapto de sua própria filha. Descobre demasiado tarde a farsa representada pelos cortejãos, quando ouve, ao longe, os gritos de Gilda. Procura-a por toda a casa e, exausto, repetindo as palavras de Monterone, cai, desesperado, ao solo.

TERCEIRO ATO – O duque se acha no salão de audiências e vem a saber do rapto de Gilda, a suposta amada do bufão. Os nobres relatam toda a farsa ao duque, que ante a surpresa geral dirige-se pressuroso para onde está Gilda. "Ella me fue rapitta"... "Parmi veder le lagrime", canta o duque venturoso. Logo que sai o duque, entra Rigoletto. Esconde sua dor entre zombarias, suporta os gracejos dos nobres com uma fingida indiferença. "Povero

Rigoletto"... cantam os nobres. Rigoletto fica sabendo que Gilda se acha no palácio e procura em toda parte um indício de sua presença, quando sabe, por meio de um Pagem, repellido pelos cortejãos, que o duque se encontra com Gilda. Quer por força penetrar em seus aposentos. É detido pelos cortejãos e então confessa aos raptadores surpresos, que Gilda é sua filha. O desespero de Rigoletto não tem limites: ameaça, ofende, roga por piedade... "Cortigiani razza danatta" mas não há lágrimas nem súplicas capazes de comover aqueles homens. Por fim aparece Gilda. Rigoletto consegue que os nobres abandonem o salão. Sôzinha com seu pai, Gilda confessa sua falta: como o estudante havia se aproximado dela, como a fascinou com seu amor e como a raptaram e trouxeram-na para o palácio: "Tutti le feste al tempio"... O bufão enganado, chorando, trata de consolar sua filha, quando o conde Monterone, levado pelos guardas, passa pela sala. Este velho nobre vê um retrato do duque na parede do salão, e agora, ao ser levado à prisão, nota com amargura que sua maldição não produziu efeito ao dono de Mantua, que seguirá, no futuro, tranquilo e feliz. Te enganas. – exclama Rigoletto, e ante o mesmo retrato do duque, jura vingar-se. Vingança de morte, diz sem fazer caso aos rogos de Gilda, que ama o duque e se crê amada por este". O ato termina com este bellissimo dueto entre um pobre pai enganado e a filha enfeitada pelo amor: "La vendetta".

QUARTO ATO – Na rua, às margens do rio, se encontra a estalagem de Sparafucile. Rigoletto contratou o matador para executar o seu plano de vingança. Mas antes da morte do duque, o bufão quer convencer sua filha da má intenção do sedutor, em cujo amor acredita.

O duque neste momento entra na hospedaria cantando a famosa ária "La donna é mobile". Rigoletto faz ver a Gilda como o duque se põe a galantear a Madalena, irmã de Sparafucile, e bailarina, empregada por seu irmão como atração para os visitantes. "Bella Figlia dell'amores"... está dizendo o duque à Madalena, enquanto Rigoletto ordena a Gilda que parta para Verona, vestida de homem. Este é o célebre quarteto. Gilda deve partir na manhã seguinte. Rigoletto, após a saída do duque, entrega a Sparafucile a soma combinada para o assassinato. Ele mesmo (Rigoletto) virá à meia noite para receber o cadáver e atirá-lo ao rio. O plano parece desenvolver-se sem dificuldade, pois que uma tormenta obriga o duque a passar a noite na estalagem de Sparafucile. Madalena, no entanto, está apaixonada pelo formoso duque e roga ao irmão que tenha piedade d'ele. Sparafucile consente, mas não quer perder o dinheiro recebido. Os dois irmãos chegam a um acordo: o primeiro hóspede que visitar a estalagem antes da meia noite, deve ser assassinado no lugar do duque. Gilda, que fingiu obedecer a ordem do pai, regressa vestida de homem, a tempo de ouvir a conversa entre Madalena e Sparafucile. Desesperada por ter perdido o amor do duque decide morrer em seu lugar. Chama à porta da hospedaria no meio da tempestade e cai debaixo do punhal de Sparafucile no lugar do amante infiel. Quando Rigoletto aparece à meia-noite, o matador lhe entrega o saco com o cadáver de Gilda. O bufão triunfa. Agora, pelo menos uma vez, é o senhor, vingou-se finalmente... Ouve-se a voz do duque. Rigoletto a reconhece. Preso de terrível presentimento, abre o saco e vê a sua própria filha assassinada... A maldição de Monterone alcançou por fim. Gilda morre nos braços de seu pai desesperado.



JOÃO DÉCIMO BRESCIA

Amim Feres nasceu em Ressaquinha, MG. Como solista do Madrigal Renascentista, fez várias excursões pelo Brasil e pelo exterior. Como bolsista, estudou na Escola Superior de Música de Freiburg. Fez apresentações nas principais cidades da Europa. Foi premiado, como representante brasileiro, nos concursos internacionais do Rio, Barcelona e Munique.

Esteve por vários meses nos Estados Unidos, apresentando-se em mais de setenta cidades, sob contrato com a Columbia Artists Management. Em Dallas, fez seu debut em ópera, cantando com o elenco do Teatro Scala de Milão. Atuou também em Nova Iorque, no Grande Teatro do Carnegie Hall, como solista das óperas "Júlio Cesar", de Haendel e "Moisés", de Rossini. Em Donaueschingen, Alemanha, foi solista em uma missa de Stravinsky, regida pelo próprio compositor. Já contracenou com os mais expoentes da música lírica: Carlo Bergonzi, Margerita Rinaldi, Cornel Mc Neil e outros. Atuou, também, com as mais famosas orquestras de todo o mundo, sob a regência de compositores de renome internacional.



AMIM FERES

O tenor João Décimo Brescia nasceu em Belo Horizonte, iniciando seus estudos com o professor Asdrubal Lima em 1932, no Conservatório Mineiro de Música. Em 1945, transferiu-se para o Rio de Janeiro. Foi um dos fundadores e idealizadores da Sociedade Coral de Belo Horizonte.

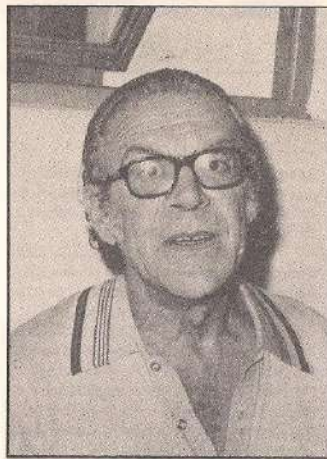
Sua primeira apresentação foi em 1933 fazendo o "Turiddu", no antigo Teatro Municipal, em uma récita de que também participaram Elza de Freitas, Ezelino Falzoni, Efigênia Queiroz e Maria de Lourdes Vieira. No início de sua carreira artística cantou quase todas as operetas famosas: "Eva", "Viúva Alegre", "Conde de Luxemburgo" e várias outras. No gênero operístico fez também principais papéis em "Bohème", "Rigoletto", "Trovador" e várias outras peças.

De 1955 a 1959, foi agraciado com quatro prêmios "Orfeu", tendo sido considerado como o melhor tenor destas temporadas. Em 1959 foi também considerado como o "Melhor cantor da Temporada Lírica", pela crônica especializada do jornal "O Diário".

Sérgio Magnani nasceu em Udine, Itália, onde estudou com Antônio Ricci e Mário Montico, discípulo de Vicent d'Indy. Vencedor de um concurso nacional, seguiu os cursos de aperfeiçoamento de piano e composição no Conservatório Santa Cecília, em Roma, com Alfredo Casella. É, também, doutor em Direito e Letras pela Universidade de Roma.

Sérgio Magnani desenvolve atividade de regente, pianista, compositor e professor. Foi regente-titular da Orquestra da Sociedade Mineira de Concertos Sinfônicos, da Sociedade Coral de Belo Horizonte e da Orquestra da Universidade da Bahia. Um dos fundadores da Fundação de Educação Artística, é professor na Universidade Mineira de Arte e na Schola Cantorum da Fundação Palácio das Artes.

SÉRGIO MAGNANI



ZILDA LOURENÇO

Desde muito jovem, Zilda Lourenço, destacou-se por seus extraordinários dotes vocais, conquistando o primeiro lugar em curso universitário, quando estudante de canto. Mais tarde, formou-se como professora de canto, piano e música, pelo Conservatório Mineiro de Música. Sua interpretação da ópera "Lucia de Lammermoor", em Belo Horizonte, obteve o maior sucesso de crítica e público, sendo apresentada também, como grande êxito, no Teatro Municipal do Rio de Janeiro.

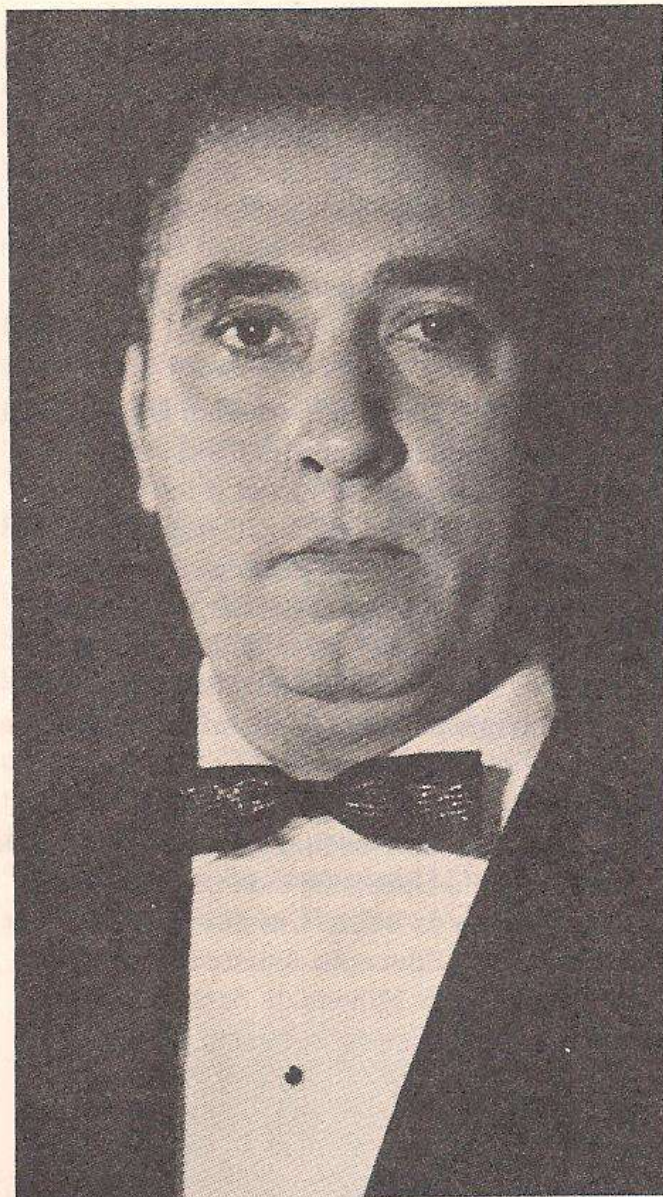
Apresentou, com o mesmo sucesso diversas outras óperas, como "Il Rigoletto", "Flauta Mágica", "Carmem", "Il Guarany", "Baile en Maschera", "Bastien und Bastienne". Atuou também, por vários anos, na Rádio Ministério da Educação, em programas de natureza cultural e artística. Hoje, faz parte do Corpo Lírico da Rádio Inconfidência de Minas Gerais.

É detentora de vários troféus e diplomas de "Melhor Soprano Ligeiro", concedidos pela crítica carioca e por júris mineiros, nas promoções "Palma de Ouro" e "Lira de Ouro", figurando ainda, durante todos os anos, entre as "Dez Mais da Música". Esteve também na Alemanha Ocidental, onde aperfeiçoou seu repertório em curso especial na cidade de Colônia. Foi a única cantora que recebeu medalha de "Honra ao Mérito Arte" da Prefeitura Municipal de Belo Horizonte.

Lourival Braga é considerado um dos maiores barítonos da atualidade. Aos 18 anos de idade, estreou como solista no papel de Jesús, na "Paixão de Cristo", de Perosi, no coral da Igreja de Santana, no Rio de Janeiro, onde nasceu.

Mais tarde, ingressou no Conservatório de Música, e, depois, no Teatro Experimental de Ópera, dirigido pela professora Alda Pereira Pinto, onde fez o papel de Germont, na "Traviata". No Teatro Municipal, cantou "O Trovador", tornando-se o maior intérprete brasileiro do Conde de Luna e Germont.

Na Temporada Lírica Internacional de 1955, participou do "Fausto" ao lado do baixo Ítalo Tajo, no papel de Mefistófoles. Já cantou com Renata Tebaldi, Giulietta Simionato, José Soler e vários outros intérpretes famosos, sob a regência de Di Guarnieri, Grau, Ghione, Silva Pereira, Pedro Calderón, Sérgio Magnani, De Fabritiis e outros. Em 1968, cantou, no Teatro São Carlos, de Lisboa, quatro récitas de "O Guarani". Em 1969,



LOURIVAL BRAGA

interpretou "Yago", do "Otello, no teatro argentino de La Plata, sendo considerado pela crítica especializada como "um dos artistas da mais alta hierarquia musical".

Em 1972, o empresário Rudolf Raab ofereceu-lhe um contrato de tres anos, que não pode aceitar devido à exigência de fixar residência em Viena. Nesta ocasião, foi considerado como um dos maiores barítonos dramáticos da atualidade. Em 1973, no Rio de Janeiro, participou da apresentação de "Otello", em espetáculo comemorativo dos 35 anos de carreira do tenor Assis Pacheco. Sua interpretação de "Yago" foi considerada como uma das mais perfeitas.